

para a sociedade em geral, pois a pequena contribuição de cada um iria concorrer para um ensino fundamental e médio gratuitos e de real qualidade, como era não muito antigamente. Isso diminuiria a corrida para o ensino particular, com apreciável economia dos assalariados da classe média. O que não pode é continuar a vergonhosa situação em que nos encontramos.

O Globo - 30/8/96

*

A escabrosa situação do ensino

É humilhante e insuportável a escabrosa situação em que se encontra o ensino no Estado do Rio de Janeiro. O ano letivo abre-se com um deficit de 5.000 professores, resultante da evasão de mestres em busca de salários condignos e do não preenchimento dos claros, por falta de combatentes. Desorientado, o Sr. Governador apela para urgente contratação de novos docentes, sem prestação de concurso, o que é inconstitucional (art. 37, item II). Mesmo assim, dificilmente conseguiria candidatos, pois o que o Governo oferece é um salário básico de R\$ 200,00, com a obrigação de 20 horas-aula por semana, ou seja, 80 horas mensais. Simples cálculo aritmético mostra que o salário-aula ficará abaixo de 3 reais. Só os desesperados (serão 5.000?) se submeterão a essa espoliação. Valeu a pena ter formação universitária? Melhor ser flanelinha.

Se o Governador Marcelo Alencar quiser realmente salvar a face, pois então que dê uma demonstração de estar assim resolvido. E dê logo o primeiro passo, mandando incorporar ao salário de seus professores o malfadado abono de emergência 02 15 17. E comecemos a pensar no Brasil. Isto é, no povo brasileiro.

[Carta aos leitores]
7/3/97

*

Paulo Freire

Amainado o sentimento nacional emergido com a perda do educador Paulo Freire, já se fez espaço para uma análise serena e mais objetiva de sua contribuição pedagógica. Numerosas personalidades se manifestaram a esse respeito, mas, como era natural esperar de breves pronunciamentos, tiveram de limitar-se a aspectos gerais da obra deixada pelo saudoso pedagogo. Inspirado andou, portanto, O GLOBO, quando convidou o dominicano Frei Betto, pro-

fundo conhecedor da obra do mestre, para dizer-nos algo que melhor situasse o sentido do trabalho do louvado doutrinador desaparecido.

De início convém frisar que a pedagogia do ilustre mestre, particularmente no setor que lhe deu nomeada, o da alfabetização, se dirigia (e dirige) para o ensino de adultos, em especial operários e camponeses, campo de eleição de Paulo Freire para aplicação do seu método. Essa observação é importante, porque está na essência do referido processo de aprendizagem das primeiras letras.

O artigo supracitado do dominicano Frei Betto se intitula, um tanto gongoricamente, mas sem lhe retirar a pertinência, pelo contrário, “Paulo Freire: a leitura do mundo”.

As suas palavras iniciais visam, uma vez mais, a criticar a orientação dos antigos “manuais de alfabetização” e, para isso, tomou por modelo a frase que se tornou paradigmática do processo, assim apresentada: “Pedro viu a uva”. Ora, como todos sabemos, a frase não é essa e sim “Ivo viu a uva”. Poder-se-á argumentar que a questão é de somenos, porque tanto faz que tenha visto a fruta Pedro, Ivo ou Joaquim. Claro que não tanto faz, porque a frase como a redigiu o dominicano desfigura o método que pretendeu condenar. Tal método, dito da *soletração*, graças ao qual, diga-se de passagem, milhões de crianças brasileiras aprenderam a ler e escrever, procura associar no espírito do educando, o sinal gráfico, a letra, o grafema, ao som vocal que lhe corresponde. Essa explicação, no respeitante às consoantes, seguia a ordem alfabética, partindo naturalmente, como é próprio de toda sã pedagogia, do simples para o complexo; ou seja das letras consonantais portadoras de um só valor articulatorio (assim *b* sempre igual a *bê*) e daí para, posteriormente, os grafemas a que pode corresponder mais de um som oral, como a letra *c*, que antes de *e* e *i*, vale como *cê*, mas, antes de *a*, *o*, *u*, tem de ser lida como *kê*. No caso em tela, a cartilha havia chegado à letra *v*, e o autor do manual procurou compor uma frase do tipo mais simples (CV, consoante + vogal), de onde as sílabas *vo*, *vi*, *va*. É o conhecido sistema dito do *beabá*.

Ora, colocando-se *Pedro* em vez de *Ivo*, fere-se de morte o método. Introduce-se um grupo consonantal *dr*, por suposto ainda desconhecido do aluno em sua estrutura fônica, e que, por cima, nada tem que ver com a relação letra / som, objetivo do educador: a letra *v*.

No entanto, em sua ótica (que à a do seu mestre Paulo Freire), Frei Betto está certo, pois a Pedagogia que defende tem por fim “conscientizar” (o verbo está nas primeiras linhas do seu artigo) e não *alfabetizar*. Ler o mundo e não ler o texto. Então, ao contrário do que se dá com a pedagogia da *soletração*, o que importa, e o que Paulo Freire mostrou a Pedro / Ivo, foi muito mais que a

singela uva: mostrou-lhe os cachos, a parreira, a ave, as relações sociais “que fazem do fruto festa no cálice do vinho, mas já não vê Paulo Freire, que mergulhou no Amor na manhã de 2 de maio”. Sim Pedro viu tudo isso, só não viu as letras do alfabeto. Por isso continuou analfabeto. Capaz de ler o mundo, mas incapaz de ler o texto. Mas o objetivo colimado pelo método revolucionário tinha sido atingido. Porque “O mundo desigual pode ser lido pela ótica do opressor ou pela ótica do oprimido”. Neste último caso, Pedro não aprendeu a ler um texto, mas adquiriu uma consciência, a do mestre Paulo Freire. Talvez, se tivesse aprendido pela cartilha da soletração, Pedro poderia ter lido outros textos e assim teria podido formar a própria consciência, que não fosse a da cartilha marxista-leninista, a que fora indefeso levado.

Tudo, porém, está dentro da regra do jogo da “pedagogia do oprimido”. Pois, como disse o Pe. Júlio Lancelloti, que oficiou a missa de corpo presente, “Paulo Freire nos ensinou que a educação é um ato político” (está nos jornais). E é como ato político que a obra pedagógica de Paulo Freire deve ser julgada.

[Carta aos leitores]
(*O Globo*, 19/05/97)

*

A entrevista de Paulo Renato

O GLOBO de domingo, 06 de abril, publicou entrevista com o Sr. Ministro da Educação, Prof. Paulo Renato de Sousa, na qual se tratou, primordialmente, da reivindicação dos professores universitários por um salário compatível com seus deveres profissionais. A resposta de S. Excia foi a seguinte: “O reajuste linear pedido não depende do MEC, mas da área econômica. E não está nas cogitações do Governo porque dependeria de um reajuste geral do funcionalismo. Hoje isso é impossível. Não há espaço no orçamento de União para um aumento desses. “Adiante, porém, reconhece que “os professores ganham mal”. Na verdade, muito mal.

Fala S. Ex.^a em reajuste “linear”, coisa de que não cogitam, nem cogitaram os professores, pois o próprio Governo já derrubou o reajuste linear. Foi substituído pelo reajuste “diferenciado”, malajambrado eufemismo para esconder o verdadeiro “aumento privilegiado”, que atingiu o estranho “grupo estratégico” do Ministro Bresser Pereira., os cargos de chefia em comissão e ainda as “vítimas” da “antiga política salarial” do Sr. Néelson Marconi (engenheiros agrônomos, fiscais e orientadores de assentamentos do INCRA, oficiais de chancelaria, técnicos de planejamento, e mais alguns outros, que fizeram jus a reajustes de 10 a 200 por cento!).